

JANAINA DO NASCIMENTO MARCELINO

**INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE NEGROS NA UNIVERSIDADE**

RIO DE JANEIRO  
2005

JANAINA DO NASCIMENTO MARCELINO

**INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE NEGROS NA UNIVERSIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pedagogia, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como requisito para obtenção do grau de Pedagogo, orientado pela professora Angela Maria Souza Martins.

Rio de Janeiro  
2005

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO-UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS -CCH  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA  
JANAINA DO NASCIMENTO MARCELINO**

**INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE NEGROS NA UNIVERSIDADE**

Trabalho apresentado à disciplina Monografia II, como requisito de avaliação orientado pela professora Angela Maria Souza Martins.

Rio de janeiro  
2005

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta monografia aos negros que conquistaram seu lugar na sociedade, a minha mãe, ao Marco e a mim mesma que sou prova viva de que o negro é capaz e merece ser respeitado.

## AGRADECIMENTOS

Essa dissertação é um presente, pois exprime sentimentos retidos em meu coração durante anos. Por isso não é possível lembrar de todos que de alguma forma participou de sua concepção e construção. Deixar de citar pessoas de crucial importância em meu crescimento pessoal e profissional seria imperdoável:

- **Deus**

Ser Supremo que me deu vida, saúde e forças para enfrentar minhas lutas diárias.

- **Minha Mãe**

Mulher guerreira que me trouxe ao mundo, nunca deixou de acreditar no meu sucesso, mesmo quando as pessoas diziam que estudar não me levaria a lugar algum. Sempre será minha inspiração para prosseguir na longa jornada da vida.

- **Meu Amor Marco Aurélio**

Que me apóia, me ouve, não me deixa entrar em desespero, acredita em mim como profissional, sempre sabe o que fazer para provocar meu sorriso, confia a mim sua felicidade e me ama com compreensão e honestidade.

- **Minha Pedagoga Alessandra**

Que nunca duvidou da minha capacidade profissional e sempre fez questão não de me chamar de estagiária, mas de **AMIGA**.

- **Meus amigos de trabalho Sandra, Michele, Flávia, Carina, Cristina e Vera**

Que me suportaram “monopolizando” o computador (até quando eu estava de férias) e sempre me apoiaram nos momentos complicados no ambiente de trabalho. Nesse dia a dia profissional vocês tornaram se parte da minha família.

- **Minha Orientadora Angela Maria Souza Martins**

Nunca disse que não poderia me ajudar, mesmo quando já orientava várias outras pessoas. Sempre aproveitou minhas idéias, ouvindo minha dúvidas e validando minhas ações. Foi encorajadora desde o primeiro momento e até o último minuto acreditou na minha capacidade intelectual.

- **Aos Amigos de Classe**

Que conquistei na universidade e sempre seguraram minha “peteca” mesmo quando parecia que ia cair.

Enfim, obrigada a todos que me emocionaram por sua garra, dinamicidade e maturidade, mas que para não faltar ninguém prefiro não citar nomes. Serei sempre grata a todos por participarem da minha vida e serem realmente meus melhores, maravilhosos e eternos amigos.

Mesmo se eu fracassar, tenho que tentar, tentar e tentar. Isso pode ser exaustivo, mas não é essa a questão. O objetivo não é necessariamente conseguir, mas continuar tentando, ser o tipo de pessoa que tem idéias e que as leva até o fim.

*Esmé Raji Codell*

## RESUMO

Baseada na minha difícil trajetória para chegar ao ensino superior, senti-me com total liberdade para fazer uma reflexão sobre como nossa sociedade delimita espaço para os negros e mascara os mecanismos de exclusão social. Procurei analisar se a formação adquirida no ensino básico público garante ou não o ingresso na universidade. relatei as dificuldades, que uma pessoa com condições socioeconômicas restritas e negra encontra para permanecer no ensino superior. Mostrei que as lutas e barreiras servem como estímulo para aqueles que acreditam no seu crescimento profissional. Dissertei sobre a possibilidade ou não de jovens com menor poder aquisitivo continuar seus estudos, mesmo tendo que trabalhar desde a adolescência, para ajudar financeiramente suas famílias. Destaquei como a família é importante no momento de tomar decisões, principalmente aquelas ligadas aos estudos. Para contextualizar e fundamentar as minhas análises, fiz uma pesquisa de caráter bibliográfico. Finalizei apontando as soluções possíveis para uma mudança no processo de exclusão social, mostrando que é possível realizar ações para transformar essa situação.

**Palavras - Chaves: Preconceito, Discriminação, Exclusão Social. Negro. Universidade**



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo 1 - A EXCLUSÃO SOCIAL.....</b>	<b>14</b>
<b>Capítulo 2 - A EDUCAÇÃO E A DISCRIMINAÇÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>Capítulo 3 - DIFICULDADE DE PERMANÊNCIA DO NEGRO NA UNIVERSIDADE.....</b>	<b>24</b>
<b>3.1 - COMO MUDAR ESSA SITUAÇÃO! SOLUÇÕES POSSÍVEIS.....</b>	<b>27</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>35</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>37</b>

## INTRODUÇÃO

A vida não é fácil para ninguém e para mim não foi diferente. Filha de pais semi-analfabetos<sup>1</sup>, com mãe vinda do interior do Espírito Santo e pai do interior de Itaperuna e com um irmão mais novo sob minha responsabilidade, aprendi a ser adulta ainda criança. Com isso, sempre tive grandes perspectivas de um futuro melhor, para que isso acontecesse, visto que não tinha outro caminho viável, apostei nos estudos.

Estudando em escolas públicas, sempre enfrentando filas por vagas na transição do primário para o ginásio, do ginásio para o ensino médio e do ensino médio para a tão sonhada faculdade, sempre tirando boas notas, mostrando muito interesse e uma vontade de sempre querer mais. Contudo nada vinha de forma fácil.

Morando em um bairro da Baixada Fluminense<sup>2</sup>, onde o acesso das políticas públicas é pequeno e demorado, onde as escolas funcionam precariamente, não existindo cursos para auxiliar na caminhada futura e outros problemas típicos de comunidades carentes. A perspectiva para o futuro profissional de jovens nessa situação é mínima e eu me sentia uma visionária almejando uma faculdade, mas desistir não fazia parte dos meus objetivos.

A escola estadual onde fazia meu 2º grau decretou falência e tive que encontrar outra escola onde pudesse fazer o 3º ano. Comecei a peregrinar atrás de uma bolsa de estudos com os vereadores da região. Consegui uma de 50% sendo que lá eu precisaria retornar para o 1º ano para conseguir acompanhar o ritmo da escola e dos alunos. Concordei. Não foi fácil abrir mão de dois anos de estudo.

---

<sup>1</sup> Os dois casaram até a quarta série do Ensino Fundamental.

<sup>2</sup> Morei em Parque de Caxias, no bairro de Campos Elísios.

Conclui o 2º grau em 1996 no Instituto Marcos Freitas<sup>3</sup>. Outra luta se travava: a faculdade! Freqüentei pré - vestibular privado e comunitário percebendo como a quantidade de negros é bem maior no segundo do que no primeiro. Fazendo, assim, brotar ali as minhas primeiras indagações sobre o porquê disto e nada ser feito para mudar esta situação.

A discriminação por ser negra sempre foi evidente, principalmente nos lugares considerados de maior acesso de branco, como por exemplo: o shopping. Parece que a qualquer momento você roubará uma loja ou alguém. Isso me chateava muito e me fazia pensar como o outro pode tratar assim uma pessoa que só é diferente na cor.

Esta pesquisa é fruto da minha inquietação, ao constatar a pouca quantidade de negros em relação à quantidade de brancos, presentes nas salas e nos corredores universitários. A questão da discriminação é central e perpassa o âmbito social, exigindo assim o combate as desigualdades tanto econômicas quanto socioculturais.

Para entendermos melhor o processo discriminatório, levantaremos a discussão sobre como os professores e alunos se situam em relação as manifestações de discriminação na escola e como eles enfrentam esse problema social.

Será que a família é decisiva no momento de escolha entre cursar ou não faculdade? E se a responsabilidade financeira da casa recair sobre o adolescente negro, como fazer para desempenhar tais funções? Essas questões norteiam todo o nosso trabalho.

<sup>3</sup> - O aluno particular pode fazer o 2º grau com bolsa de 50% de desconto.

Essa pesquisa é de caráter bibliográfico, porque tenho certeza de que somente através da leitura, da discussão, da busca e do desvelamento de ideologias conseguiremos entender o porquê, no século XXI, precisamos ainda dissertar sobre esse tema, e, além disso, introduzir formas de avaliar como a educação básica pode tornar a visão de nossos futuros universitários mais ampla e completa, capaz de fazer-los discernir entre o preconceito e a igualdade de raças.

Vejo como possibilidade futura a perspectiva de uma sociedade igualitária, porém precisamos de uma mudança profunda na prática de nossos professores, dos currículos e de outras ações para que a educação realmente seja o caminho da transformação. Concordo com Candau (2003) que diz:

“Estamos convencidos/as de que juntos/as, podemos colaborar, através da construção de uma escola pública de qualidade para todos/as, de modo a afirmar a democracia e a conquista de uma cidadania cada dia mais conscientes e ativas em nossa sociedade” (Candau, 2003, p. 14).

A educação tem o poder de transformar o Brasil, no sentido de enfrentar toda e qualquer forma de preconceito existente em nosso país. A educação pode construir uma cultura que nos aproxima do crescimento pessoal e profissional.

Buscarei, nessa monografia, os caminhos de valorização do negro na sociedade. Procurarei mostrar que a responsabilidade dessa mudança depende, em grande parte, da educação passada pelos pais e pelos professores nas séries iniciais, porque eles podem abrir o caminho de uma discussão que leve seus filhos ou alunos a se valorizar e fortalecer a sua auto-estima.

Ao discutirmos o ingresso de negros na universidade pública, encontramos outro problema que é a permanência desses na mesma. Permanecer na universidade não é fácil, porém o inciso 1º do artigo 3º da LDB (Lei de Diretrizes e Bases) lei nº 9394, de 20 de dezembro de

1996 afirma que: “todos têm igualdade de condições para o acesso e permanência na instituição escolar”.

Infelizmente, essa lei não tem sido cumprida, pois muitos negros conseguiram chegar à universidade, porém as circunstâncias, principalmente econômicas, fazem com que muitos abandonem os seus cursos.

Os autores utilizados como referencial teórico para embasar esse trabalho são aqueles que lidam com as questões da exclusão social, do preconceito, da discriminação e do crescimento profissional de negros no nosso país.

O livro “Negros na Universidade”, de Moema de Poli (2003) foi a grande base para descobrir relatos vivenciados por negros no sistema educacional superior e importantes vivências que criaram expectativas e frustrações na caminhada de muitos.

Foram consultados também os autores Jaílson de Souza e Silva (2003), o livro coordenado por Vera Maria Candau (2003), o livro coordenado por Marcio Pochmman (2003 ) volume I e II, a Revista Raça que é voltada para o público negro, as Leis de Diretrizes e Bases, Paulo Freire(1996 e 1987), matérias de jornal, site e outras formas de absorção de conhecimento.

## 1- A EXCLUSÃO SOCIAL

O problema da exclusão social atravessa décadas, fazendo-se presente em várias camadas da sociedade, de modo diversificado. As questões raciais que geram as discriminações contra o negro, nos fazem refletir como um país capitalista carrega esta incontestável marca de exclusão social.

Segundo Pochmann (2003), na abolição da escravatura os negros deixaram de ser formalmente excluídos ainda que o país não tivesse sido capaz de oferecer nenhuma política pública de inclusão social. Com isso instalou-se um grave problema em nossa sociedade, porque até hoje convivemos com o reflexo dessa atitude, ou falta de atitude, tomada no passado.

O negro, ou qualquer outro excluído, quando sente-se desvalorizado é levado a ter sentimentos de baixa auto-estima, dificuldade de relacionamento, falta de confiança em si próprio e nenhuma perspectiva de crescimento profissional.

Podemos constatar que o processo excludente torna-se cada vez mais heterogêneo, de difícil compreensão e até medição, com isso o excluído se apresenta sob múltiplos aspectos em várias dimensões da vida social.

O Brasil passou por um movimento de crescimento financeiro ao longo dos anos, porém as desigualdades sociais permaneceram iguais ou maiores. Com isso mais de um terço dos brasileiros encontram-se sob novas e velhas formas de exclusão. Esse crescimento econômico só é favorável àqueles que se encontram no ápice da pirâmide social, ou seja, a pequena parcela da população, enquanto a maioria luta por sobrevivência. Pesquisas mostram que a situação do negro é pior, pois desde a abolição da escravatura (1888) não foi criada nenhuma ação afirmativa para reverter este quadro. Fomos apenas libertos, ou melhor, livre dos açoites da senzala, porém ficamos presos na miséria da favela.

A exclusão está associada a baixos níveis de renda e de instrução, levando assim, a pequenas ascensões sociais daqueles que são oriundos de famílias negras e, conseqüentemente pobre.

Tomando essa reflexão como ponto de partida podemos concluir que o adolescente que tenta ingressar no mercado de trabalho, percebe sua exclusão ao lhe ser negado o acesso ao primeiro emprego, porque os empresários buscam apenas aqueles que já tem experiência profissional e “boa aparência”<sup>4</sup>.

Nesse momento, se pesar sobre o adolescente a responsabilidade de contribuir financeiramente no orçamento familiar, outro problema se constituirá, pois terá que abrir mão de seus estudos e fazer prevalecer a busca incansável pelo emprego e sustentabilidade de seus entes queridos.

Não podemos deixar que a exclusão implantada por essa sociedade que foi escravagista, destrua o nosso conceito de cidadania e a consciência de que somos sujeitos capazes de discernir entre direitos e deveres, contribuir para o crescimento, cultivo e desenvolvimento de nosso país.

O ser humano deve ser visto como um cidadão, um ser digno, que tem uma série de valores e potencialidades que lhe permitem superar os obstáculos. O cidadão é um ser em processo que precisa tomar decisões, optar por determinados caminhos, renunciar a outros e levar em conta os condicionamentos sociais, sem se deixar levar pela submissão.

<sup>4</sup> *“Boa aparência”* - expressão utilizada para designar a aparência física do indivíduo, geralmente relacionada à cor da pele e ao tipo de cabelo.

No Brasil, a falta de discernimento sobre a questão do negro tem sido, ao longo dos tempos, uma questão que tem gerado o que chamamos de exclusão social. A falta de consciência do povo brasileiro sobre a história dos negros e dos afrodescendentes gerou a necessidade de criação, no Brasil, de uma data, 20 de novembro, (dia que se comemora o aniversário de morte de Zumbi dos Palmares) para que pudéssemos exercer mais amplamente nossa reflexão e considerar essa data como um dia de celebração e reflexão. Ainda assim, muitas polêmicas tem surgido, em especial a questão das cotas e das ações afirmativas para inclusão social do negro.

Existe muita discordância com relação as cotas universitárias. Seria fundamental que todos se remetessem ao passado da escravidão brasileira. No que se refere à educação, por exemplo, na época em que os Jesuítas eram os alfabetizadores, as crianças e adultos negros eram proibidos de aprender a ler e escrever, eles não tinham acesso à educação. Isso já demonstra uma dívida impagável da sociedade para com os negros.

As cotas já estão sendo adotadas em algumas universidades brasileiras e muitas estão planejando esta ação. O Governo Federal já se declarou a favor e está prevista inclusive, a reserva de 20% das vagas na administração federal para afrodescendentes. Um outro ponto polêmico é que fica difícil classificar quem é ou não é afrodescendentes.

Considero que a cota pela cota não talvez não produza resultados positivos para os estudantes negros. Não basta possibilitar o acesso através da cota, sem que se assegure uma medida que garanta a permanência do aluno negro na universidade, além de medidas que ampliem o número de negros que possam competir para ingressar na universidade. Na verdade, definir cotas para negros nas universidades também exige outras providências, tais como: construir uma infraestrutura para receber os estudantes negros do interior e não apenas das



capitais; ampliar a possibilidade de leitura da juventude negra ainda no ensino médio; ampliar o repertório educacional/cultural dos jovens que vivem nos bairros pobres; acompanhar o desempenho dos que conseguem entrar na universidade a fim de garantir sua permanência na universidade, o que requer tanto uma política de amparo material, de sobrevivência econômica como de estímulo ao fortalecimento da auto-estima; criar um amplo trabalho de conscientização de estudantes e professores para que não se fomente estereótipos discriminatórios acerca das cotas. É fundamental considerar que os restaurantes universitários e residências precisam funcionar de forma digna e adequada; as bolsas de estudos para escolas particulares também não devem servir de pretexto para isenções fiscais, para barganhas puramente políticas a serviço dos empresários da educação.

Achamos que cabe, agora, uma pequena reflexão: por que, num país que afirma não ter preconceito racial, os negros são a maioria dos analfabetos, dos miseráveis, dos marginalizados e são os que recebem menores salários?

Esse contraste deve-se aos índices de exclusão social, evasão escolar, taxa de analfabetismo, pobreza cultural, péssima qualidade de vida, baixos salários, entre outros, ou seja, são índices que registram a concentração significativa dos afrodescendentes que estão excluídos em nosso país.

Sendo, contra ou a favor de determinadas ações afirmativas, todos devemos parar um pouco com o radicalismo cego e olhar para trás, prestar atenção na trajetória do negro no contexto brasileiro e jamais se esquecer, que o que colhemos hoje é fruto do que plantamos ontem, e principalmente, que agora temos que nos preocupar com o que deixaremos para nossas futuras gerações colherem amanhã.

Não existe democracia racial no Brasil, porque as oportunidades na ordem social competitiva não são abertas para negros e brancos da mesma maneira, e qualquer tentativa de idealização do nosso passado, não dá conta de explicar a sociedade de classes, na qual os negros figuram como subordinados, e também constato uma resistência ao presente que busca superar os obstáculos à integração do negro.

Pensar nossa realidade atual confirma o quanto tais reflexões figuram ainda hoje na ordem do dia. Quando se fala das negras que alisam seus cabelos, num belo exemplo de como os negros só ascendem socialmente quando incorporam os valores brancos, penso em todas as modelos, atrizes e cantoras consagradas pela mídia brasileira e vejo o quanto este pensamento é consistente, no sentido de que ao olharmos para a realidade, percebemos que o negro pode se tornar aquilo que ele almeja independente de sua trajetória passada.

## 2- EDUCAÇÃO E A DISCRIMINAÇÃO

Por meio das leituras realizadas para embasamento dessa monografia, percebo que a educação tanto no ensino fundamental como no ensino médio tem sido bastante medíocre, tornando-se um sério problema para aqueles que anseiam cursar uma universidade pública futuramente. Sabemos que essa mediocridade está presente principalmente no ensino público, onde encontramos a maioria dos alunos afrodescendentes, o que reforça os estereótipos e a discriminação.

A escola educa pelo imaginar, descobrir possibilidades, conhecer os sentimentos (de acordo com a cultura de cada grupo), exprimir os mesmos em outras formas, ter projetos de transformação, pelo ultrapassar barreiras de comunicação com outros povos, vivenciar o mundo integralmente em cada época, vivenciar o que não é permitido na vida cotidiana. A escola cria sentido para a vida nas crianças através do processo das descobertas de percepções, experiências, sentimentos, integração, auto-expressão. Desenvolve ainda, a capacidade de discriminar, escolher, de ter a crítica, de sentir o próprio eu em contato com outros, que podem ser iguais ou diferentes fisicamente dele.

O cotidiano da escola é palco de diferentes relações sociais e reflete a diversidade cultural presente na sociedade. Desse modo, as formas de se relacionar com o outro, na escola, refletem as práticas sociais mais amplas. Com isso podemos apontar a existência de vários preconceitos existentes no contexto escolar brasileiro, especialmente os de gênero, raça e classe social. Então o preconceito se difunde na escola? Podemos dizer que sim, porque a construção do currículo escolar é elaborada pelos conceitos vigentes da sociedade e acabam se tornando um importante instrumento de propagação de formas estereotipadas de interpretação da realidade. O currículo é

um espaço de poder. Em função da dimensão ideológica, uns conhecimentos são considerados importantes e válidos e outros, não. A escola é “oficialmente” o único espaço de educação e é dentro dela que o conhecimento formal tem sido repassado e as relações de poder se reproduzindo.

É certo que as escolas têm servido para a reprodução da sociedade, tal como ela é, com exclusão e separação entre ricos e pobres, distinguindo entre a normalidade e a deficiência, entre o branco e o negro, já é tempo de mudança de posturas, nesse limiar do novo milênio, de modo que a escola, deve também absorver as diferenças.

A maioria dos negros vem de escolas públicas, onde o ensino em vários casos não tem o mesmo prestígio das escolas particulares de onde vem grande parte dos estudantes brancos que disputam com os negros as vagas de uma universidade pública. Fica claro que a discriminação começa nesse momento. Sentir-se discriminado é algo normal em nossa sociedade.

Para Chauí (1997), os preconceitos estão profundamente arraigados no senso comum social e nele se cristalizam. Trata-se de uma idéia anterior ao trabalho de conceitualização realizado pelo pensamento.

Segundo Teixeira (2003) alguns indivíduos necessitam de um “crachá”<sup>5</sup>,

<sup>5</sup> O crachá é uma medalha que indica o nome e o endereço de quem a possui. No entanto, o crachá não tem valor porque sua cor é rosa, geralmente.

principalmente quando se trata de alguém naturalmente suspeito, como parece ser o negro na esfera social.

Vivemos num país onde o preconceito e a discriminação é disfarçada. Dificilmente alguém assume que é racista, é muito mais fácil mascarar seus reais sentimentos do que expressá-los para toda uma sociedade capitalista.

Veja um trecho do livro “Somos todos Iguais”, onde fica clara a existência de um preconceito não revelado pela maioria da sociedade:

“Todos/as os/as entrevistados /as reconheceram que o preconceito racial em relação ao negro Evidencia-se, na maioria das vezes, de forma sutil e velada. E, no momento em “que ela é velada, é mais difícil de se combatê-la, de se trabalhar contra. Porque tudo é mais fácil de você lutar; agora aqui é velado, fala que não tem, mas tem” . (CANDAUI, 2003, p. 37).

Quando uma pessoa negra consegue ascender socialmente ou fazer uma faculdade ela sofre, pois tem que galgar seu espaço sozinha. Principalmente se a carreira almejada for de grande status social, como: medicina, arquitetura, etc. Essas áreas que são essencialmente de alunos brancos.

Parece que o espaço para o aluno negro está reservado para as cadeiras da área de humanas, como: Serviço Social, Arquivologia, Pedagogia, Letras etc., percebo que esses são cursos que o acesso à universidade não é tão competitivo e tem uma fácil empregabilidade.

Os dados divulgados pelo Ministério da Educação sobre resultados do Provão, no ano de 2000, confirmam e aprofundam o quadro de exclusão de negros no Brasil. Mesmo os dados sendo o resultado da soma dos cursos universitários públicos e privados - onde existe uma presença, um pouco maior, de negros com relação às instituições públicas. Eis os dados:

- Dos 191.000 estudantes avaliados em 2.888 faculdades, 80% são brancos, 13,5% pardos e 2,2% são negros.

Essa diferença racial no perfil dos estudantes universitários põe por terra teses sobre a democracia racial no Brasil ou sobre o tratamento igual ao povo brasileiro. Essa realidade se repete, principalmente e mais intensamente, nos cursos de maior prestígio demonstrando que profissões de prestígio e de possível melhora salarial são, tradicionalmente no Brasil, ocupados por brancos.

Isso não é novidade entre os que sofrem o racismo, mas precisa servir de estímulo àqueles que se dispõem a reavaliar conceitos, como o de democracia e direitos humanos, a agir visando a implantação de medidas específicas para que se possa construir um modelo de democracia racial no meio universitário, a partir de intervenções, medidas para a promoção de um importante segmento da sociedade brasileira que ainda amarga as ações do racismo à brasileira.

O curso de maior ausência de negros no Brasil é o de Odontologia, onde apenas 0,7% dos que se formaram, em 2000, eram negros. Já o curso com maior presença de negros é o de Letras, com 3,9%.

Sabemos que isso não se trata de uma regra, haja vista, que aumentou o número de negros nas universidades, porém chegar ao topo da hierarquia social criada dentro das universidades não é para qualquer um e, muito menos, para aqueles que acham que tudo é possível só de imaginar.

Para o negro que chega até a universidade paira sempre a dúvida sobre sua capacidade intelectual para estar ali. Mesmo que tenha cumprido os pré-requisitos exigidos para o ingresso

no curso, parece que as barreiras raciais não são nunca totalmente derrubadas. É como se a total interação com a sociedade nunca fosse possível.

Muitas pessoas não acreditam que o negro pode ir além, isso pode ser constatado como forma de discriminar. Sempre há uma desculpa para justificar seu crescimento que, *ou era esforçado ou conhecia pessoas influentes*, e nunca porque sonhou, amadureceu seus conhecimentos e buscou elevar-se dentre todos que faziam parte de sua estrutura familiar.

Grande parte do preconceito brasileiro é cultural, acostumou-se a tratar mal. Ninguém trata mal o negro por causa de sua cor, mas porque ao longo dos séculos a elite dominante nada fez para mudar este estigma que assola os negros.

Devemos lutar por uma educação baseada em princípios poderá exercer uma mudança real na mentalidade dos futuros cidadãos, independentes de serem brancos ou negros.

### 3 - DIFICULDADES DE PERMANÊNCIA DO NEGRO NA UNIVERSIDADE

Após vencer o grande obstáculo, que é ingressar numa universidade pública surgem outros problemas que no momento da conquista não nos fica claro, todavia com o passar do tempo vão ficando nítidos e nos fazendo perceber que a guerra só começou.

Permanecer na universidade é o grande desafio a ser vencido, pois o estudante de baixa renda familiar que geralmente é negro tem que ajudar no orçamento familiar, então tende a conciliar estudo, emprego, tarefas universitárias, vida particular, etc. O universitário se vê diante de um dilema: conseguir força física e tempo para resolver todas essas “pendências”.

Jailson de Souza (2003), em seu livro, faz a seguinte reflexão:

“... o juízo dominante na família era de que os filhos universitários já estavam em fase da vida na qual lhes caberia, mais do que estar estudando, auxiliar na estrutura material da casa e mesmo na sua direção” (SILVA, 2003, p. 117).

A problemática do dinheiro torna-se maior quando se necessita de um xerox de textos, de um livro, pagar passagem e até lanchar. Observe o relato de uma jovem:

“- Já tinha maturidade e o conhecimento do próprio sistema universitário. Eu não podia pagar, não conseguia ficar pagando o meu salário todo; tinha uma calça, um tênis, minha irmã me dava camiseta, minha mãe completava meu cigarro e pagava a passagem. Desisti de Engenharia”. (SILVA, 2003, p.49).

Acredito que o fator econômico é o principal obstáculo a ser vencido, pois quando você não tem dinheiro para pagar o ônibus e chegar a universidade todos os dias, parece impossível concluir a faculdade. Digo isso porque geralmente os alunos moram distante das universidades. Muitas vezes, eles não têm dinheiro para chegar à universidade, quiçá comprar um livro ou simplesmente tirar uma fotocópia de um texto.

Outro percalço que pode dificultar a caminhada de permanência na universidade é conseguir acompanhar o ritmo das aulas, pois se sua formação no ensino médio tiver sido



deficiente, entender a linguagem universitária torna-se muito difícil. Alguns professores partem do princípio que todos os que estão no ensino superior dominam com destreza os assuntos referentes à carreira preterida. Veja esses relatos retirados do livro de Silva (2003):

“Na primeira prova de física fiquei até feliz. Tirei 3,0... Nunca tinha tirado nota abaixo de 8 ou 7...O professor não dava quase nada, era uma coisa mecânica.” (SILVA, 2003, p. 49)

Veja esse outro relato:

“Na universidade, Carmem teve dificuldade, no início do curso, em acompanhar as discussões realizadas, os professores lecionavam com o pressuposto que todos os alunos tinham domínio do conteúdo, o que não era verdade” (SILVA, 2003 , p. 55 ).

Com esses dados podemos afirmar que o problema maior da inserção e socialização recai novamente para o ensino nas séries que antecedem o ensino superior. Sua precariedade compromete todo o futuro daquele que almeja uma melhor posição social no futuro.

Teixeira (2003), diz que se o que se busca é mais igualdade de direitos, o certo, seria melhorar o nível de ensino das escolas públicas para suprir as deficiências na formação do negro mais pobre. Outro fator que se transforma em problema para a permanência do negro na universidade é o cansaço físico. Enfrentar jornada dupla, muitas vezes tripla, principalmente quando se é casado e tem filhos para criar, pode vir a ser o grande problema, porque o cansaço do dia a dia te faz refletir se todo aquele “martírio” vale a pena.

Ler textos no ônibus, cochilar na presença do professor durante a aula, não ter tempo para as pessoas da família, ou simplesmente não poder sair com os amigos, pois tem que fazer trabalhos, são aspectos que ocorrem e faz surgir a pergunta: será que vale a pena continuar estudando? Muitos persistem e continuam seus estudos outros desistem.

Nunca será fácil enfrentar barreiras, romper muralhas, mas para os que conseguem ficar a certeza da sua superioridade e grandeza própria. Que não precisa ser provada para ninguém, serve

apenas para mostrar a todos que somos realmente capazes e obstinados a mudar um pensamento existente e uma realidade que ainda hoje nos causa espanto e temor.

### 3.1 - COMO MUDAR ESSA SITUAÇÃO! SOLUÇÕES POSSÍVEIS

Ao longo dessa monografia foram apresentados vários fatores que comprovam as desigualdades e preconceitos raciais existentes em nossa sociedade, com isso somos levados a refletir se não haveria solução.

Sabendo que temos imperfeições e que podemos corrigi-las, como diz Freire (1996, p. 14) “o erro na verdade não é ter um certo ponto de vista, mas absolutizá-lo e desconhecer que, mesmo do acervo de seu ponto de vista, é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele”.

Vemos que a solução existe, mas as medidas são complexas, serão necessárias políticas públicas, um novo tipo de escola e professores que podem contribuir para que realmente sejam formados cidadãos, defensores de seus direitos. Uma das saídas para o fim das desigualdades educacionais no Brasil está em enfrentar as desigualdades raciais que estão presentes, no ambiente escolar. Devendo começar pela elaboração de um novo tipo de currículo e a ampliação dos projetos pedagógicos que privilegiem a igualdade racial.

Todo o processo de mudança deve começar nas séries do ensino fundamental. A primeira coisa a ser feita é a compreensão por parte da criança de sua identidade étnica. A criança precisa aceitar a si própria e o outro como ele é. Respeitando e valorizando as diferenças raciais.

Um grande passo na direção da aceitação do negro foi dado em maio de 2003, pelo governo federal, com a aprovação da Lei nº 10.639/03-MEC<sup>6</sup>, que altera a LDB e institui obriga-

<sup>6</sup> O texto completo das alterações da Lei nº 10.639/03-MEC pode ser encontrado em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/lel0639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/lel0639.htm)

toriedade do ensino de História da África e da Cultura Afro-brasileira em todas as escolas de Ensino Fundamental e Médio. Essa decisão resgata historicamente a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira, no entanto, essa lei só sairá do papel se o professor tiver acesso a material e formação sobre a temática étnica na educação.

Foi criado, também, em 21 de março de 2003, a SEPPIR<sup>7</sup> (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial), que recolocou a questão racial na agenda nacional e a importância de se adotar políticas públicas afirmativas de forma democrática, descentralizada e transversal e tem como objetivo positivar a realidade vivenciada pela população negra e trilhar rumo a uma sociedade justa, revertendo os perversos efeitos de séculos de preconceito, discriminação e racismo.

Não podemos deixar que nossas crianças acreditem no mito da democracia racial, que foi oficializada pelos militares entre as décadas de 60 e 70 e que persiste até hoje. Teixeira (2003) já diz, é praticando a discriminação e o preconceito com *jeitinho*<sup>8</sup>, que se compreende como perdura o mito da democracia racial que exclui, sem tornar alvo de grande censura, o usuário desse jeitinho de discriminar racialmente, como alguém “digno de pena” e “ignorante”.

<sup>7</sup> Secretaria Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial  
<sup>8</sup> “O jeitinho brasileiro é aquele jeito de fazer as coisas de modo a não incomodar ninguém, a não ser a si mesmo.” (Lima, 2004, p. 10)

Lembremos também da importância da família na construção dos direitos e deveres e no incentivo, mesmo que indireto, na formação do caráter de nossos alunos. Nesse momento de crescimento pessoal, a instituição família significa mais do que um grupo de pessoas interligadas por laços de casamento ou de parentesco, comprovamos em nossa pesquisa que algumas famílias agem como um estímulo para que o adolescente não desista no meio de sua trajetória rumo ao sonhado nível superior. Todos precisam de um encorajamento para seguir firmes na busca dos ideais, para isso contam com o apoio dos pais para suprir necessidades que nem sempre podemos suprir sozinhos.

É com grande pesar, em alguns casos, que a família sacrifica o filho fazendo com que pare de estudar para trabalhar. Quando isso acontece é preciso muito entendimento para compreender que tudo tem seu momento de acontecer e agora sua tarefa é ajudar aqueles que sempre fizeram tudo por você.

Pudemos compreender que o preconceito existe e não muda, porque precisamos fazer com que todos reflitam sobre a diferença, principalmente as crianças. Estamos tentando mudar o placar deste jogo e alcançar vitórias. Atualmente existem movimentos negros, revistas para negros, cosméticos para negros, o que demonstra uma nova inserção do negro na sociedade e que a vitória se aproxima.

Fazer uma educação voltada para o crescimento de todos, requer que a sociedade, a escola e o professor se desprendam de preconceitos, discriminações e intolerâncias, elementos que conspiram na proliferação das desigualdades, pois o cotidiano escolar é palco de diferentes relações sociais e reflete a diversidade cultural presente na sociedade. Os canais discriminadores começam na escola regular chegando até as universidades, local onde você realmente não acredita que isso possa ocorrer.

Idealizando um mundo muito melhor e acreditando que a educação não tem cor, tracemos nós, futuros pedagogos, o caminho que desejamos que nossos alunos trilhem, mas sempre questionando e respeitando as diferenças, porque somente assim poderemos acreditar que todos um dia realmente serão tratados como iguais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir é difícil, pois ainda acho que ficaram indagações para serem respondidas, porém como esse tema não é novo, sei que muitos já dissertaram sobre ele e não adianta nos tornarmos repetitivos.

Fazendo minhas, as palavras de Freire (1996), gostaria de deixar bem claro que não apenas imagino, mas sei quão difícil é a aplicação de uma política do desenvolvimento humano que privilegie fundamentalmente o homem e a mulher e não apenas o lucro.

Conceder vagas nos bancos das universidades não é o suficiente para combater a desigualdade racial. Políticas públicas devem ser criadas para garantir não só o acesso, mas também a permanência dos negros na universidade e no mercado de trabalho. É evidente que nossos governantes relutam em apresentar melhorias que ajudem a combater o racismo, porque indiretamente existem lucros e o interesse na formação de um exército industrial de reserva.

Para implementar ações afirmativas, é preciso enfrentar a resistência de muitas pessoas e instituições. Essa resistência possui três origens principais: desconhecimento, distorção de dados por quem é contrário a elas e, especialmente, o preconceito velado existente no Brasil. As ações afirmativas incomodam, pois explicitam o racismo negado pelo brasileiro. É preciso esclarecer essas ações, porque existem e como funcionam. É importante entender que são ações para grupos com histórico de exclusão; elas têm caráter temporário e devem passar por uma constante reavaliação, a partir dos resultados obtidos.

É muito difícil a permanência do estudante de baixa renda na universidade, afinal, as dificuldades desse estudante não residem apenas no acesso e, sim, na continuidade do curso; dificuldades essas causadas por uma série de agravantes, como por exemplo: a necessidade de trabalhar para custear seus estudos ou para contribuir com o orçamento familiar.

Indubitavelmente, os custos do ensino superior são elevadíssimos, mesmo nas instituições públicas, pois o estudante tem despesas com aquisição de livros, reprodução de apostilas, transporte, alimentação, etc. Abrindo as portas para o acesso de estudantes de baixa renda, a universidade deve rever, além de outros aspectos, os programas de assistência destinados a esse público alvo; caso contrário, os índices de evasão tenderão a aumentar por conta do impasse em que se encontrará o estudante: estudar ou trabalhar.

Está comprovado que o negro ganha menos que um trabalhador branco desempenhando uma mesma função<sup>9</sup>. Fazer uma educação renovadora requer ações complexas que rompam com as práticas tradicionais e alienantes, ou seja, deve haver uma participação em atos em prol de mudanças sociais substanciais e devemos continuar a acreditar em utopias que desenvolvam em nosso cotidiano a esperança de um país igualitário e sem injustiças sociais.

Minha experiência de vida foi o principal motivo para o desenvolvimento desta monografia. Tudo o que por mim foi conquistado, ao longo dos últimos anos, foi com lágrimas e muito suor. O trabalho que hoje desenvolvo, meus hábitos culturais e meu constante crescimento são frutos do meu desejo e da minha luta, porque algumas das instituições pelas quais passei, várias vezes, não me deram suporte para expandir meus conhecimentos.

---

<sup>9</sup> VITTORETTI, 2003.



Para que possamos acreditar na possibilidade de tais afirmações, precisaremos de uma pedagogia que se desprenda de valores conservadores e pratique uma pedagogia crítica<sup>10</sup> e sirva de base para o crescimento de vozes daqueles que são quase sempre silenciados. E de professores que tenham em mente a importância da comunicação, porque “somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo. Sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação”. (Freire, 1997, p. 83)

Faz-se necessário compreender que a política educacional é um investimento social e compete à universidade, como agente de transformação social, não corroborar o processo de exclusão. A universidade deve estar atenta a esses aspectos sociais, a fim de não deixar à margem do mundo acadêmico pessoas capazes de contribuir com o crescimento da nação. Se o indivíduo negro e pobre enfrenta dificuldades em ter acesso ao ensino superior, isso se deve aos sistemas social e educacional que se encarregam de criar obstáculos a sua ascensão.

Freire (1987 p. 128) diz que a única forma de pensar certo do ponto de vista da dominação é não deixar que as massas pensem, o que vale dizer: é *não* pensar com elas. E a melhor forma de isso acontecer é dificultar a entrada na faculdade desses que fazem parte da massa.

<sup>10</sup> Para Memória é uma pedagogia crítica e também cuidadosamente e por meio dela, através as vias pelas quais as forças sociais, calamitariamente, silenciosos e a conformidade que resta, sem a vida cotidiana, os sujeitos, os indivíduos que não se investem.

Ninguém pode estar no mundo e com os outros de forma neutra, por isso nosso papel no mundo (negro ou branco) não é só o de constatar o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Por isso todos nós somos importantes a medida em que percebemos que podemos colaborar com a mudança e aperfeiçoar aquilo que porventura estiver errado. Jamais seremos somente objetos da História, porém sujeitos capazes de aceitar a vida como um caminho, dotá-la de um sentido que comporta etapas com começo, meio e fim, numa sucessão de acontecimentos onde nós determinamos quais serão os fatores que nos levarão ao sucesso.

Apesar de todos os obstáculos e dificuldades - inclusive o peso da negritude determinando de alguma forma, nossas escolhas - a ascensão social do negro é possível e depende exclusivamente de você acreditar que é capaz e buscar meios viáveis para colocar seu objetivo em prática, porque na vida nada vem sem luta e sem sacrifício.

“Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar”. (Freire, 1996, p. 60)

**BIBLIOGRAFIA**

- BENCINI, Roberta. Educação não tem cor. **Nova Escola**, São Paulo, n. 177, p.46-53, nov. 2004
- CHAUI, Marilena. **Senso comum e transparência**. O Preconceito. São Paulo: Imesp, 1997.
- CANDAU, Vera Maria (coord.). **Somos todos iguais?** Escola, discriminação e educação em direitos humanos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- CODELL, Esmé Raji. **Uma professora fora de série**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- FAULSTICH, Eliney. A ministra da igualdade racial. **Revista Raça**, São Paulo, n. 73, p.64-67.
- FAUSTINO, Oswaldo. Contrariando as estatísticas. **Revista Raça**, São Paulo, n 77, p.70-73.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário aurélio da língua portuguesa**. 2. ed. Rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIROUX, Henry A; SIMON. Roger. Cultura popular e pedagogia crítica: A vida cotidiana como base para o conhecimento curricular. In: MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. **Currículo, cultura e sociedade**. 6. ed. São Paulo, Cortez, 2002.
- LIMA, Leila Souza. A desigualdade é negra. **Jornal O Dia**, Rio de Janeiro, 03 ago. 2003. Empregos e Concursos, p. 1-2.
- MARINHO, Carla. Nova escola. **Revista Raça**, São Paulo, n. 76, p. 68-71.
- BRASIL. Ministério da educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília, DF, 2004.
- POCHMANN, Márcio; AMORIM, Ricardo (et. al.). **Atlas da exclusão social no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

- POCHMANN, Márcio; CAMPOS, André; AMORIM, Ricardo (et. al.). **Atlas da exclusão social no Brasil**, v. 2: dinâmica e manifestação territorial. São Paulo: Cortez, 2003.
- SILVA, Jailson de Souza. **“Por que uns e não outros?”** Caminhada de jovens pobres para a universidade. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.
- TEIXEIRA, Moema de Poli. **Negros na universidade: identidade e trajetória de ascensão social no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.
- REVISTA FÓRUM. São Paulo: PUBLISHER BRASIL, 2004 - especial.
- [http://www.ufba.edu.br/eventos/temporarios/prop\\_procots2.html](http://www.ufba.edu.br/eventos/temporarios/prop_procots2.html). Acessado em 06 de janeiro de 2005.
- <http://www.dialogoscontraoracismo.org.br/forms/default.aspx>. Acessado em 12 de Janeiro de 2005.

**QUADRO RESUMO - ORIENTAÇÕES**

Mês Dezembro / 2004

Dia	06	08	13	14
Atividade	Definição de Título e capítulos	Revisão da Introdução	Adiado para o dia seguinte	A prof. <sup>a</sup> ficou com o 1º capítulo
Professor	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>
Aluno	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>

Mês Dezembro / 2004

Dia	20			
Atividade	Entrega do 1º capítulo corrigido			
Professor	<i>[Assinatura]</i>			
Aluno	<i>[Assinatura]</i>			

Mês Janeiro / 2005

Dia	04	06	10	13
Atividade	Contato pelo telefone pedindo a prof. <sup>a</sup> que enviasse tudo	Pelo e-mail envio dos capítulos que restavam	A prof. <sup>a</sup> enviou-me os capítulos corrigidos	Envio a prof. <sup>a</sup> de e-mail contendo as correções solicitadas
Professor	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>
Aluno	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>

Mês Janeiro / 2005

Dia	16	17		
Atividade	Pelo telefone a prof. <sup>a</sup> tirou algumas dúvidas	Via e-mail e pelo telefone a prof. <sup>a</sup> disse que a monografia	já estava pronta para ser entregue	
Professor	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>	
Aluno	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>	

# A MINISTRA DA IGUALDADE RACIAL

Com pouco mais de um ano de gestão, a ministra **Matilde Ribeiro**, que ajudou a implantar algumas ações afirmativas, ainda encontra tempo para escrever poesias, mas sente falta de sair para se divertir

POR ELINEY FAULSTICH, DE BRASÍLIA / FOTOS: J. J. CAJU

**N**ascida em Adamantina, zona rural de São Paulo, Matilde Ribeiro, de 44 anos, trabalhou desde pequena. Apesar da responsabilidade ter chegado cedo,

Matilde gosta de ressaltar que teve uma infância saudável e que, quando se mudou para a capital, o Rio Tietê ainda era navegável. Perdeu a mãe na adolescência e assumiu a responsabilidade de cuidar das irmãs menores. Estudou em colégio público e formou-se em Serviço Social, pagando sua própria faculdade. Conseguiu bolsa de estudos do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, vencendo grande concorrência, fato que lhe permitiu fazer o mestrado na PUC – Pontifícia Universidade Católica. A consciência da importância da solidariedade, que caracterizou sua militância nos movimentos feminista e negro, mais sua militância no Partido dos Trabalhadores em defesa de minorias a levaram ao presidente Lula, que acabou por nomeá-la ministra, responsável pela Seppir – Secretaria Especial de Políticas para a Promoção da Igualdade Racial. A secretaria prevê apoio aos projetos de saúde da população negra, incentivo nos programas de moradia e de crédito especial para auxiliar o empreendedor negro. O governo pretende ainda criar medidas de ajuda às empresas que adotem programas de diversidade racial.

Acho que toda mulher que gosta de si e com consciência de seus direitos é uma feminista, mesmo que não se veja como tal ou que ela não saiba

**Raça Brasil - Sua militância política começou na faculdade?**

**Matilde Ribeiro** - Em 1980, com 20 anos, entrei na faculdade e o movimento estudantil era muito atuante na PUC. Eu participava, mas não ativamente. Havia feito um pacto comigo mesma. Pagava para estudar, portanto, cada dia de aula tinha um custo muito alto para mim. Optei por estudar. Naquela época surgiram o PT, a CUT, e eu acompanhei tudo. No fim da faculdade, me tornei militante das mais ativas.

**Raça - Começou no movimento feminista?**

**Matilde** - Acho que toda mulher que gosta de si e com consciência de seus direitos é uma feminista, mesmo que não se veja como tal ou que ela não saiba. A minha militância no movimento feminista aconteceu em decorrência do trabalho. Logo que me formei, fui trabalhar na prefeitura de Osasco, com creches. Descobri que as crianças para nascer têm pai e mãe. Já no cotidiano elas contam com quase 100% de mãe para uma parcela muito pequena de pai. Observando a vida daquelas mulheres, comecei a participar das passeatas. Acompanhei o movimento *Diretas Já* e tornei-me militante feminista, militante petista, agregando a questão racial.

**Raça - Esse foi o caminho que a conduziu ao cargo atual?**

**Matilde** - Tive uma vida profissional linear.



Em seu gabinete,  
em Brasília,  
Matilde despacha  
com simpatia

Permaneci muito tempo nos meus trabalhos. Fiz serviços administrativos como aprendiz. Como assistente social, trabalhei nas prefeituras de Osasco e São Paulo, daí partindo para ONGs de defesa dos direitos da mulher e dos negros. Depois me transferi para a prefeitura de Santo André como coordenadora do Programa dos Direitos da Mulher. Finalmente, antes de assumir a secretaria, em Brasília, fui professora universitária. Integrei a equipe de elaboração do programa do PT para o candidato Lula, que valeu minha indicação à equipe de transição do governo.

**Raça - Como surgiu a Seppir?**

**Matilde** - Na época eu estava me desligando da prefeitura de Santo André para dar aulas e fazer mestrado. Fui convidada pela Secretaria Nacional de Combate ao Racismo, do PT, para contribuir na elaboração do programa de governo com as políticas de combate ao racismo. Fiz esse

A existência desse organismo é uma conquista. À medida que o governo institui uma secretaria para tratar da igualdade racial reconhece que há racismo e que é preciso ser combatido

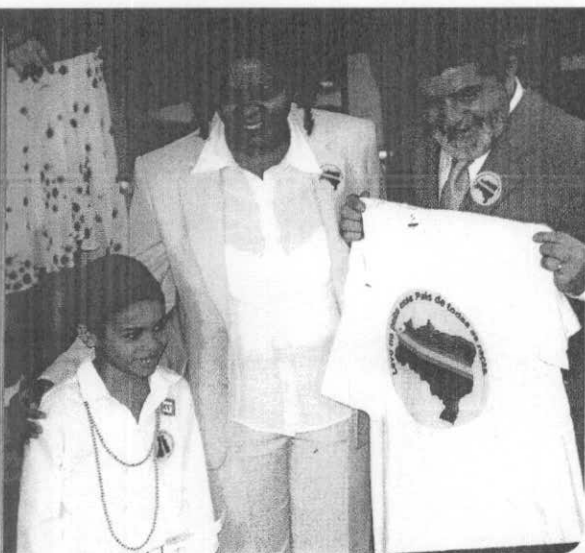
trabalho voluntariamente durante um ano. Isso teve como consequência a minha indicação para ministra.

**Raça - A mudança de condição de militante para executiva a assustou?**

**Matilde** - Eu tinha uma experiência de executivo municipal. Sei que essa é uma função de muita responsabilidade, principalmente porque é a primeira vez na História do Brasil que há um órgão para tratar da política de promoção da igualdade racial no primeiro escalão do governo federal. Em quatro anos não vamos dar conta de um acúmulo de necessidades que não foram tratadas em 503 anos de Brasil.

**Raça - A secretaria já tem o que comemorar?**

**Matilde** - A própria existência desse organismo é uma conquista. À medida que o governo brasileiro institui uma secretaria para cuidar da promoção da igualdade racial, está reconhecendo que há racismo e que é preciso ser combatido.



Acima e ao lado, na cerimônia de posse, em março de 2003. Abaixo, com o senador Paulo Paim, no lançamento do livro *Racismo Contemporâneo*, dezembro de 2003



FOTOS: RICARDO STUCKERT

## IGUALDADE RACIAL



Tenho convicção de que o papel da Seppir é estimular jovens que estão fora das escolas a fim de que despertem para a luta pela cidadania.

**Raça - Quais sonhos já foram transformados em metas?**

Matilde - Estamos progredindo bastante na área da Saúde e da Educação. Este ano, com a priorização da questão do trabalho e a geração de rendas, pelo presidente Lula, também poderemos avançar nessa área. O que temos de mais inovador, além de pensar em políticas mais tradicionais, é a política para remanescentes de quilombos e relações internacionais, com a ampliação de contatos e referências.

**Raça - Os remanescentes dos quilombos, os quilombolas, terão a posse definitiva das terras ou será permitido que se desfaçam dela como acontece em parte dos projetos de reforma agrária?**

Matilde - São 743 comunidades quilombolas. Este ano nós devemos iniciar a realização de um censo. As comunidades remanescentes dos quilombos vivem quase à

Ainda não descobri o que tem de lazer em Brasília. Em geral, saio do trabalho para casa. Se vou a um jantar é uma extensão do trabalho. Gosto de dançar, passear, são elementos importantes para mim

margem da vida social e política. Não há infra-estrutura, não há escola, enfim, há tudo por fazer. A proposta é que as comunidades tenham direito à terra. O direito coletivo não é terra parcelada justamente para poder assegurar a perpetuidade, a própria garantia da História.

**Raça - E o programa de cotas para negros nas universidades?**

Matilde - Eu defendo políticas de cotas para negros nas universidades. Acho importantíssimo que possamos reconhecer que o fato de os negros estarem fora das universidades públicas não é porque eles são menos inteligentes e sim porque não tiveram oportunidades, precisamos criá-las.

**Raça - Até o momento, quais universidades já implantaram as cotas?**

Matilde - Uma minoria. Há oito universidades em processo de instituição do sistema, mas existem outras em debate. Das universidades estaduais, duas já implementaram, a UERJ e a UnEB, isto é, as estaduais do Rio de Janeiro e da Bahia.



**Raça - Qual é o motivo para a não implantação do sistema de cotas?**

**Matilde -** A defesa contrária mais vigorosa é que a política de cotas fere a autonomia universitária e estabelece um sistema de privilégios. Há uma reação relacionada a concessões. Há uma reação de que é injusto, que é antidemocrático. Aí vem nossa pergunta: é justo que mais de 90% das vagas das universidades públicas brasileiras sejam ocupadas pelos brancos?

**Raça - Em que cidade do interior de São Paulo a senhora nasceu?**

**Matilde -** Em Flórida Paulista, mas mudei-me de lá ainda bebê e até os 8 anos morei em Adamantina. Meus pais eram da roça. Quando fomos para Adamantina, meu pai passou a trabalhar como operário e minha mãe era doméstica e lavadeira. No final dos anos 60, viemos para a capital, morar em Osasco, uma cidade industrial e violenta, na Grande São Paulo. Nessa passagem, meu pai foi trabalhar de vigia em empresas e minha mãe continuou como doméstica.

**Raça - Quantos irmãos vocês são?**

**Matilde -** Éramos quatro irmãs, eu sou a segunda. Comecei a trabalhar com 14 anos, mas logo minha mãe morreu e eu tive de cuidar das irmãs mais novas. Mais tarde meu pai se casou de novo e teve mais duas filhas. Somos seis irmãs, ao todo.

**Raça - Na infância e adolescência ocorreram problemas com preconceito racial?**

**Matilde -** No Brasil é normal sofrer preconceito, que nem sempre é explícito, até por isso é possível a pessoa dizer que não sofreu preconceitos. Na infância me lembro de uma menina branca, que estudava na mesma escola que eu, e todo dia me parava na rua e me chamava de neguinha. Isso me magoava. Marcou tanto que, já mulher, fiz uma poesia sobre o fato [ver box]. Mais tarde essa menina tornou-se minha amiga.

**Raça - Sua vida sentimental é totalmente privada ou pode falar sobre ela?**

**Matilde -** Estive casada por duas vezes, hoje estou separada. Não tive filhos. Tenho vínculos familiares muito fortes. Isso preenche, pois já fui mãe de minhas irmãs.

## XINGAMENTO

MATILDE RIBEIRO

Quando menina indignava-me com o xingamento  
Ei, neguinha fedida!  
A cada investida chorava, abaixava a cabeça Na escola, com a História enganosa e a crítica ostensiva ao comportamento, paralisavam minhas idéias Mas na rua não, era a cada dia graduada com porradãs como diploma De neguinha fedida a ama-de-leite, pau pra toda obra De paralisação a graduação vai se fazendo um ser sem lhe dar a chance de ser inteiro O tempo passa e muito mais tarde uma frase surge como um acidente Negro é lindo! Voltei-me para o meu umbigo, resisti firmemente mas a frase ficou lá no fundo martelando, martelando Olhei-me no espelho uma, duas ... infinitas vezes Olhava também para outras pessoas E, assim, passei a acreditar e agir diferente Que pena! Ainda ouço o xingamento Ei, neguinha fedida! Agora a reação é de desprezo Olho no olho do agressor com olho de negra linda que fede e cheira Como todo mundo que é gente O agressor mal sabe que não é a mim que ele ofende mas é a si próprio, por ser tão demente.

**Raça - A senhora gosta de cozinhar?**

**Matilde -** Sou uma mulher normal, no sentido da palavra. Eu me viro bem na casa, na cozinha, até porque tive uma educação para ser dona de casa. Assim como sei dirigir um carro, estou à frente de uma secretaria nacional, também sei comandar uma casa. Gosto de cozinhar, gosto de lavar, acho que qualquer pessoa tem que saber cuidar de si e se propor a cuidar dos outros, qualquer que seja seu extrato social.

**Raça - E a vaidade de toda mulher?**

**Matilde -** Todo mundo tem vaidades. Eu sou normal. Por contingência, freqüente salão de beleza todos os dias, pois tenho um salão de beleza em casa. Explico: tenho uma irmã cabeleireira que cuida do meu cabelo, das minhas unhas. Sou vaidosa, mas sem exageros, gosto de um batom que combine comigo e próprio para a ocasião ou evento para o qual estou me preparando ou me produzindo. Sobre o vestir-se bem, é claro que independe de grifes. Tudo depende do ambiente, do público...

**Raça - Foi fácil adaptar-se em Brasília?**

**Matilde -** Aqui se trabalha muito, fato a que estou acostumada. Ainda não descobri o que tem de lazer em Brasília, onde é que estão as pessoas. Vejo poucas pessoas nas ruas. Em geral, saio do trabalho e vou para casa. Se vou a um jantar, é uma extensão do trabalho. Mas gosto muito de dançar, passear. São elementos importantes para mim.

**Raça - O que a senhora gostaria de dizer aos leitores de Raça Brasil?**

**Matilde -** A população negra brasileira sempre esteve presente na História buscando seu valor. Nós temos que aprender cada vez mais a ampliar essa busca, aumentar essas vozes, esse clamor, onde estivermos. No governo - na posição que eu estou hoje -, a dona de casa, o feirante, a artista. Cada um de nós pode contribuir como um peso a mais, como uma força a mais nesta mudança por um Brasil melhor, ideal e mais justo para negros e brancos, com pleno gozo, cidadania, sem racismo ou qualquer tipo de discriminação para com as etnias, preferências, posição social. ♡

# NOVA ESCOLA

O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na rede pública, aprovado em 2003, já começa a dar bons resultados entre os alunos

POR CARLA MARINHO



**C**amila tem 8 anos, mora em Uberlândia (MG), cursa a segunda série do ensino fundamental e teve que mudar de escola no fim de 2003 por problemas de adaptação. Nas entrelinhas do "discurso" explicativo da diretora, no entanto, está uma questão muito maior e que atinge a quase totalidade do aluno negro do Brasil: a discriminação e o preconceito. A menina brigava com os colegas ao revidar os apelidos que recebia. Situações como as que ela viveu acontecem diariamente nas salas de aula de todo o País e, de tão comum, a questão nem sequer foi notada pelo sistema de educação durante muito tempo.

## Primeira lei assinada

As crianças negras brasileiras vêm sendo submetidas a "testes de resistência" psicológicas há décadas, dizem os especialistas. A novidade, no entanto, é a possibilidade de que, a partir deste ano, estudantes como Camila tenham professores melhor orientados para saber lidar com esse tipo de problema. Ao assumir a Presidência da República em janeiro de 2003, a primeira lei assinada por Luiz Inácio Lula da Silva estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas de ensino fundamental e médio das redes pública e particular do País.

A proposta era uma antiga reivindicação das várias organizações do movimento negro, que há muito já alertavam para as conseqüências psicológicas e para o alto índice de repetência e de evasão escolar em decorrência das distorções com que a história e a cultura

dos negros no Brasil vêm sendo ensinadas. O Ministério da Educação, que está trabalhando na capacitação de educadores e gestores para a implementação da matéria desde 2003, estabeleceu, em março deste ano, as diretrizes para a aplicação da lei. Estados como Paraná e Mato Grosso do Sul e municípios como São Paulo, Porto Alegre e Campinas (SP) têm desenvolvido trabalhos focados na formação de professores e na distribuição de livros sobre o tema. Além disso, debates, encontros e seminários vêm sendo realizados em diversas cidades.

## Curso em etapas

Em São Paulo, atingir todas as escolas e professores da rede está sendo um desafio à Secretaria Municipal de Educação e às organizações envolvidas na implementação dessa medida. De acordo com Mariângela Frazão, assessora de Assuntos Raciais da secretaria, uma das ações no sentido da aplicação da lei é a realização, ao longo deste ano, de um curso de formação para 3.100 profissionais (que terão o papel de multiplicadores) de educação cujo objetivo é destacar a importância do trabalho sobre relações raciais para o desenvolvimento escolar de crianças de todos os grupos étnicos.

A primeira parte do curso, ministrada no início do ano, discutiu conceitos como estereótipo, preconceito, discriminação racial e racismo. Os demais módulos deverão levantar questões relacionadas à história da construção do racismo no País, questões metodológicas para o tratamento do tema em sala de aula e avaliar dados de pesquisas feitas sobre o assunto. De acordo com a secretaria, uma bibliografia afro-brasi-

O Ministério da Educação, que está trabalhando na capacitação de educadores e gestores para a implementação da matéria desde 2003, estabeleceu, em março deste ano, as diretrizes para a aplicação da lei, como a distribuição de livros

Por falta de informação, alguns professores que têm freqüentado o curso apresentam uma forte resistência em aprender história da África porque acham que vão ter aulas sobre candomblé e umbanda

FERNANDA FELISBERTO, DA ONG AFIRMA

leira com 40 títulos foi entregue para toda a rede pública neste ano. No total, foram distribuídos 30 mil volumes que vão de literatura infanto-juvenil a estudos sociológicos.

### Evaseão revertida

"A responsabilidade de romper com a discriminação não é apenas dos professores, mas de todos os envolvidos na educação", diz Luci Crispim, assessora do Departamento Pedagógico, responsável pelas políticas étnicas da Secretaria Municipal de Educação de Campinas (SP). De acordo com a assessora, o trabalho que vem sendo feito há dois anos no município já apresenta resultados positivos no que diz respeito à evaseão escolar. Crispim aponta como exemplo a escola do bairro Jardim Nova Europa. "Esse quadro começou a ser revertido."

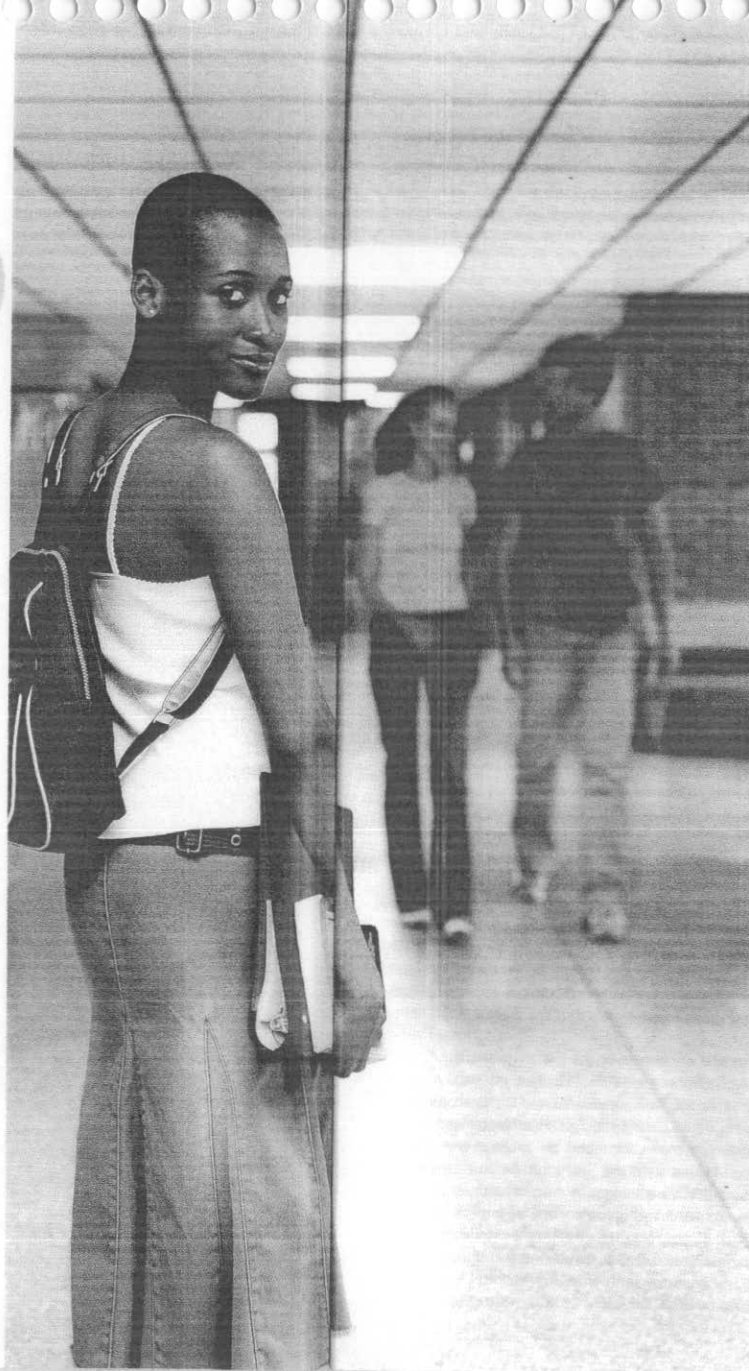
O deputado federal Gilmar Machado (PT-MG), presidente do Grupo Parlamentar Brasil-África (*leia na última página*) e que acompanhou a elaboração das diretrizes para o ensino da matéria nas escolas, é da mesma opinião, mas ele também aponta como fundamental a capacidade da comunidade negra em acompanhar e cobrar a aplicação da lei nas escolas. Já Fernanda Felisberto, coordenadora de publicações da ONG Afirma e professora do curso História da África e do Negro no Brasil, aprofunda a questão e observa: "Alguns professores que têm freqüentado o curso apresentam uma forte resistência em aprender história da África porque acham que vão ter aulas sobre candomblé e umbanda", continua. Segundo Fernanda, a formação religiosa

de parte dos professores, associada à falta de informação sobre cultura africana e afro-brasileira, não deve ser desconsiderada, principalmente se a clientela for composta por evangélicos.

Na opinião do professor Edson Borges, do programa de História da África da Universidade Cândido Mendes, parece existir interesse no assunto por parte das universidades, organizações e na esfera federal, mas a redução da carga horária do ensino de História nas escolas da rede estadual do Rio de Janeiro – em relação a 2003 – e a inclusão do ensino religioso na grade curricular mostram o desinteresse sobre a questão em nível estadual.

### Políticas públicas

Professor do curso, Borges também vê dificuldades, por parte dos professores da rede, na aplicação do conteúdo aprendido e continua: "É necessário uma proposta que venha do Estado para a sociedade – não no sentido autoritário, obviamente", diz, citando que, além da escola, a TV, os livros e o entretenimento, entre outras coisas, fazem parte da formação do indivíduo e também deveriam ser norteados por políticas públicas que promovessem a igualdade. Felizmente, Camila não passou a fazer parte dos números do IBGE, que indicam que 87% das crianças que estão fora das salas de aula são negras, ou daquele que mostra que a evaseão escolar é 65% maior entre essa clientela, mas ela ainda é um exemplo da acidentada trajetória que os alunos negros vêm tendo e continuarão a ter se esta passar a ser mais uma lei "feita para inglês ver".



### BIBLIOGRAFIA INDISPENSÁVEL

- *Mulato Negro* – Não Negro e Ou Branco – Não Branco (Eneida de Almeida dos Reis – Editora Atiana)
- *Cidadania em Preto e Branco* (Mana Aparecida Silva Bento – Editora Atica)
- *Menina Bonita do Laço de Fita* (Ana Maria Machado – Editora Atica)
- *Todos Semelhantes, Todos Diferentes* (Albert Jacquard – Editora Augustus)
- *Ninguém É Igual à Ninguém* (Regina Otero – Editora Brasil)
- *Histórias da Preta* (Heloisa Pires Lima – Editora Cia. das Letras)
- *A História dos Escravos* (Isabel Lustosa e Maria Eugênia – Editora Cia. das Letras)
- *A Escravidão no Brasil* (Jaime Pinsky-Editora Contexto)
- *A Cor da Ternura* (Geni Mariano Guimarães – Editora FTD)
- *Zumbi: O Despertar da Liberdade* (Júlio Emilio Braz – Editora FTD)
- *Gosto de África – Histórias de Lá e Daqui* (Joel Rufino dos Santos – Editora Global)
- *Jogo das Diferenças: O Multiculturalismo e seus Contextos* (Luiz Alberto Gonçalves e Petronilha B. Gonçalves e Silva – Editora Autêntica)
- *Racista, Eu de Jeito Nenhum* (Maurício Pestana – Editora Escala)
- *Negro, qual é o seu Nome?* (Consuelo Soares Silva – Mazza Edições)
- *Doce Princesa Negra* (Solange Azevedo Cianni – Memórias Futuras Edições)
- *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano* – volume 9 (Vários autores – editora CDHESP / USP)
- *Felicidade Não Tem Cor* (Júlio Emilio Braz – Editora Moderna)
- *Gostando Mais de Nós Mesmos* (Mana Lúcia Silva – Editora Gente)
- *Mãos Negras – Antropologia da Arte Negra* (Celso Prudente – Editora Panorama)
- *Preconceito e Autoconceito: Identidade e Interação na Sala de Aula* (Ivone Martins de Oliveira – Editora Papirus)
- *A Menina Transparente* (Elisa Lucinda – Editora Salamandra)
- *Pretinha, Eu?* (Júlio Emilio Braz – Editora Scipione)
- *Dicionário de Relações Étnicas e Raciais* (Ellis Cashmore – Editora Selo Negro)
- *Diferenças e Preconceitos na Escola* (Júlio Groppa Aquino – Summus Editorial)
- *Rei Zumbi* (Big Richard – Editora Planetinha Paz)
- *Doze Faces do Preconceito* (Jaime Pinsky – Editora Contexto)
- *Alfabeto Negro* (Cristina Agostinho e Rosa Margarida de Carvalho Rocha Editora Santa Clara)
- *Lendas dos Orixás para Crianças: Exu* (Maurício Pestana – Editora Pestana)
- *Orgulho da Raça – Uma História de Racismo e Educação no Brasil* (Heloisa Pires Lima – Memórias Futuras Edições)



# CONTRARIANDO A

Recentemente, o IBGE divulgou dados sobre a desigualdade racial no Brasil, que indicam que negros ganham 105% a menos que brancos. Alguns preferem reclamar, outros discutem como mudar esses índices

POR OSWALDO FAUSTINO

# ESTATÍSTICA



**M**

esmo pessoas que torcem o nariz, toda vez em que se comenta a desigualdade no Brasil entre negros e brancos no mercado de trabalho, na renda média e na escolaridade se impressionaram com os resultados apurados pela recente pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE. Mitos como o da democracia racial, da existência de igualdade de oportunidades e da meritocracia – para a qual basta ter mérito para se progredir – foram por água abaixo, diante dos números apresentados. Segundo a pesquisa, a renda média de um trabalhador branco é 105% maior que a de um trabalhador negro ou pardo. E a diferença é ainda maior, quando se trata de uma mulher negra. E, se os salários são menores, ocorre o inverso com a taxa de desemprego em nossa comunidade: há muito mais homens e mulheres da raça negra e pardos desempregados que brancos e brancas.

#### **Pirâmide social**

A desigualdade é explicada por meio da pirâmide social. Lá no topo está o homem branco e, logo abaixo, a mulher branca. Depois vem o homem negro e, na parte mais baixa, a mulher negra. E o IBGE constatou que isso não é só discurso de militantes dos movimentos negros ou feministas. Além da diferença salarial, a posição na pirâmide indica maior ou menor grau de escolaridade, oportunidades, poder e até respeito.

Quanto menor o salário, maior o número de trabalhadores negros, homens e mulheres, segundo a mesma pesquisa. É também grande a quantidade de trabalhadores negros em atividades que exigem muitas ho-

ras de trabalho, com alto grau de insalubridade ou de risco, por exemplo, policiais e guardas de presídios, nas funções subalternas da saúde, na construção civil, no trabalho doméstico e em outros sem qualificação.

Maria Aparecida Bento, doutora em Psicologia Social, pela Universidade de São Paulo, e diretora do Ceert, Centro de Estudos de Relações do Trabalho e Desigualdade, comenta que, há quase 20 anos, os mesmos dados foram apresentados pelo livro *Lugar do Negro no Mercado de Trabalho*, lançado em 1985, e muito se tem feito para forçar a sociedade a abrir espaço para os jovens negros, quer na educação, quer no mercado de trabalho.

Essas ações devem ser cada vez mais vinculadas às empresas, afirma Aparecida Bento: “Elas devem ter uma função social. Em outros países, onde se encontra a discriminação, empresas tomam iniciativas. Aqui no Brasil ainda está difícil. Eu trabalho com políticas de diversidade em empresas. Mas a pressão tem que aumentar”.

#### **Investimento no ensino**

Aparecida defende a importância das políticas públicas voltadas para este fim, ações afirmativas governamentais e privadas, iniciativas de universidades públicas e particulares e um investimento maior no ensino fundamental e médio. Porém, garante que o resultado será mais eficaz se a própria comunidade afro-descendente se mobilizar e partir para ações concretas: boicotar produtos de empresas e da mídia que pratiquem racismo.

Há algumas instituições que cadastram jovens negros, em universidades ou nas comunidades, e os conectam com grandes empresas. Para a doutora, é preciso dar-lhes “um reforço na área de portu-

CC  
Não há dúvida de que o Estado deve tomar medidas para a sociedade em geral e algumas focadas na comunidade afro-descendente. Há que se melhorar o ensino público, mas também implantar ações afirmativas para negros e negras e não apenas implantar as cotas

MÁRCIO JOSÉ DE MACEDO

## CONTRARIANDO AS ESTATÍSTICAS

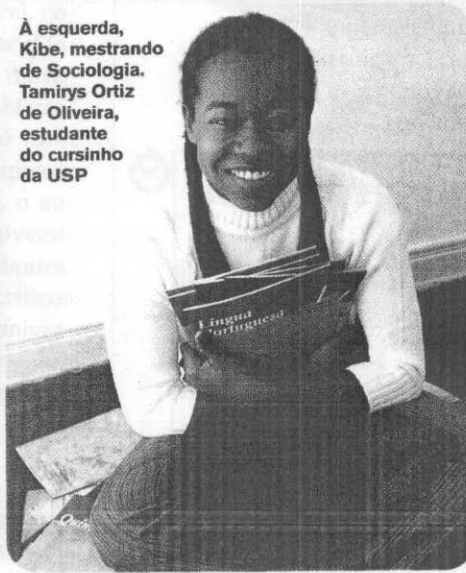
FOTOS: MÂRCIA LOURENÇO



**Maria Aparecida Bento, psicóloga social e diretora do Centro de Estudos de Relações do Trabalho e Desigualdade**



**À esquerda, Kibe, mestrando de Sociologia. Tamirys Ortiz de Oliveira, estudante do cursinho da USP**



CINTIA SANCHEZ

guês, um bom curso de língua estrangeira, não uma coisa mequetrefe, domínio de informática. Tudo o que é necessário para enfrentar o mercado de trabalho”.

A melhor formação dos profissionais de RH também é uma das soluções: “Eles são formados pela mídia em geral, essa mídia racista que alimenta o imaginário de que há um lugar de inferioridade para o negro na sociedade”. Ao longo dos anos, ela tem insistido nessa necessidade: “São eles que intermediam a relação empregador e empregado, nos momentos de promoção e de treinamento para ocupar um novo espaço da empresa. Têm que ser preparados”.

Defensora das cotas em universidades, ela observa que os jovens negros não aceitam ou se envergonham de ser beneficiados por essa implantação: “A cada dois anos, os judeus lançam filmes sobre o holocausto para mostrar como a violência os atingiu. No Brasil, nunca houve uma reflexão na envergadura da violência sofrida pelos negros. Há uma baixa consciência da sociedade em geral e do jovem negro, formado por essa sociedade, sobre nossos direitos que foram violados ao longo do tempo”.

### **Ações afirmativas**

A necessidade da conscientização dos jovens para reverter o quadro de desigualdade existente no Brasil é também defendida por Márcio José de Macedo, conhecido por Kibe, mestrando de Sociologia, na USP: “Não há dúvida de que o Estado deve tomar medidas para a sociedade em geral e algu-

## **ANTÍDOTO PARA ELIMINAR A DIFERENÇA**

Segundo o IBGE, a diferença salarial é, em parte, explicada pela escolaridade — maior entre brancos. Por isso, iniciativas como o cursinho Pró-Universitário, criado pelo governo do Estado de São Paulo, para alunos do segundo grau da rede pública, são bem-vindas. A estudante Tamirys Ortiz de Oliveira, de 17 anos, cursa a terceira série do ensino médio, pela manhã, trabalha à tarde e faz cursinho à noite, num bairro distante de sua casa. Sonha formar-se em Ciência da Computação.

Mora no Tatuapé, zona leste de São Paulo, região que terá um campus da Universidade de São Paulo. Para preparar jovens das escolas públicas da região às vagas disponíveis na unidade, o governo implantou o cursinho gratuito, cujas aulas são ministradas por alunos da própria USP. A jovem sai correndo do trabalho, apanha condução para a Cohab II, de Itaquera, onde estuda. Volta à meia-noite e acorda bem cedo para reiniciar a jornada. Ela também é beneficiária

do programa Jovem Cidadão, um convênio do governo com empresas para a contratação de aprendizes adolescentes. “Trabalho no telemarketing de uma firma que produz sites. Além do salário, estou ganhando experiência e aprendo a me relacionar com os clientes. Medidas como essas são necessárias para sanar nossas carências de alunos do ensino público.” Tamirys diz que não quer ter privilégios por ser afro-descendente, mas oportunidades iguais.

No Brasil, nunca houve uma reflexão na envergadura da violência sofrida pela raça negra

APARECIDA BENTO

mas focadas na comunidade afro-descendente. Há que se melhorar o ensino público, mas também implantar ações afirmativas para negros e negras e não apenas cotas”.

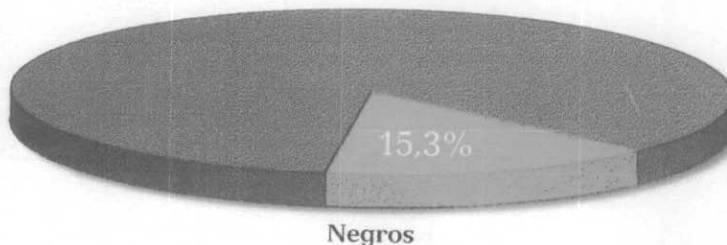
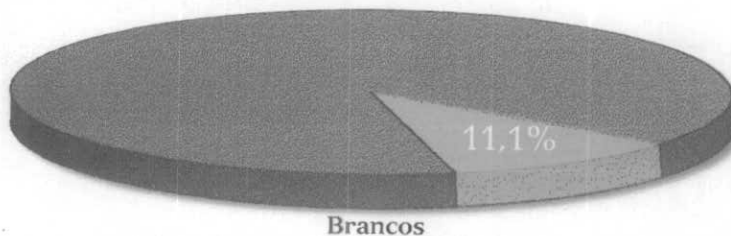
Kibe afirma que a sociedade brasileira “naturalizou” a desigualdade. “Trata-se esse assunto como se fosse algo natural, como se não pudesse e não devesse ser diferente. Defendem que não se deve mexer com isso para não criar um problema. Assim, invertem a questão, pois só há o problema, justamente, por não se querer mudar o que existe.” Para Macedo, o aumento da presença de negros na universidade não beneficia apenas os estudantes, mas a própria universidade: “Os críticos das cotas vivem apontando o que a universidade perderia, mas esquecem de pensar no que ela ganharia, que é uma diversidade maior na produção acadêmica”.

### Diamante negro

Mas ele recomenda aos jovens negros universitários que não abandonem as manifestações socioculturais de sua comunidade. Lembra uma palestra de Edson Lopes Cardoso, assessor para relações raciais do senador Paulo Paim, que compara a quase ausência de negros na universidade com o futebol brasileiro, até os anos 30, quando os clubes não aceitavam jogadores negros. A contragosto de muitos, Leônidas da Silva, o Diamante Negro, foi para a Copa de 1938, na França. Lá, marcou seu famoso gol de bicicleta, “e o futebol brasileiro nunca mais foi o mesmo, graças à participação negra”, comenta. Ao citar Cardoso, Kibe repete sua reflexão: “Com um grande número de negros na graduação, no mestrado e no doutorado, nossas universidades também nunca mais serão as mesmas. Ganharão em diversidade e criatividade”.

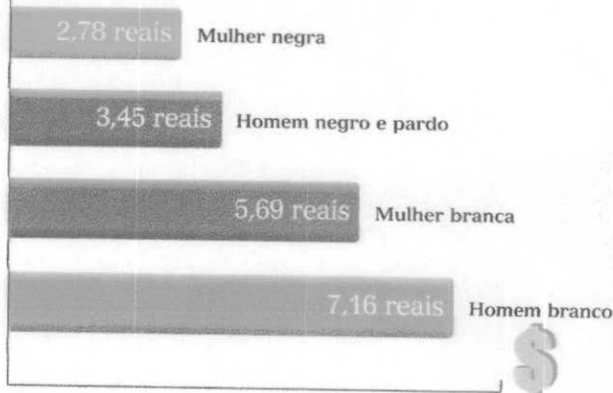
## OS NÚMEROS DA PESQUISA

### TAXA DE DESEMPREGO



Total de desempregados no País - 12,8%

### RENDIMENTO POR HORA DE TRABALHO



### RENDA MÉDIA



### PERFIL DOS EMPREGOS

Em março, 11% da população negra ou parda ocupada estava empregada em serviços domésticos, e 10% na construção civil. Entre brancos, de 5% e 6%, respectivamente.

O IBGE fez o cruzamento das informações a partir de dados de março deste ano da PME (Pesquisa Mensal de Emprego), que analisa a situação do trabalho nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Porto Alegre.

ILUSTRAÇÃO: MARCELO GARCIA



ANEXO IV

# empregos & CONCURSOS

NESTA EDIÇÃO  
Classificados  
EMPREGOS

2.519  
Ofertas

O DIA

RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 03 DE AGOSTO DE 2003

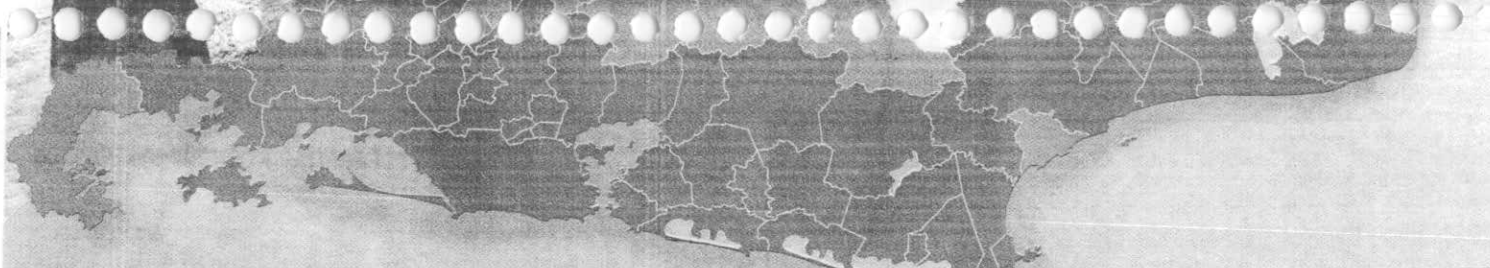
O DIA ONLINE: [www.odia.com.br](http://www.odia.com.br)

# A desigualdade é negra

Negros são maioria entre os pobres do estado, 59,3%, por falta de políticas de inclusão e geração de trabalho e renda nas áreas habitadas por representantes da raça







O mapa mostra a intensidade de negros na composição da população pobre, por município, no Estado do Rio de Janeiro. Nota-se forte concentração de negros (pardos e negros) entre pobres de toda a Região Metropolitana, mas também com grande representação em outras localidades do estado. Os municípios marcados pela cor amarela foram colonizados por maioria branca.

Percentual médio de negros em relação à população de pobres dos municípios

- 50% ou mais
- 25% a 35%
- 35% a 50%
- 0 a 25%

#### Composição racial da população pobre nos três maiores grupos

Estado do Rio de Janeiro	Negros	Branco	Indígenas
Municípios não-metropolitanos	54,2%	45,5%	0,2%
Região Metropolitana	60,4%	39,1%	0,3%
Cidade do Rio de Janeiro	58,3%	41,2%	0,3%
<b>Total</b>	<b>59,3%</b>	<b>40,3%</b>	<b>0,3%</b>

#### População abaixo da linha de pobreza em cada grupo racial

Estado do Rio de Janeiro	Negros	Branco	Indígenas
Municípios não-metropolitanos	30,6%	16,8%	24,5%
Região Metropolitana	42,3%	23,5%	35,1%
Cidade do Rio de Janeiro	35,8%	17,3%	—
<b>Total</b>	<b>39,7%</b>	<b>21,7%</b>	<b>33,1%</b>

\* Os resíduos percentuais para fechar 100% na soma dos grupos por região correspondem aos amarelos.

#### LEILA SOUZA LIMA

Um relatório com características raciais da população de pobres e indigentes, apuradas a partir de dados do Censo 2000 e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), pode orientar políticas sociais, principalmente voltadas à educação e geração de trabalho e renda. Conduzida pelo economista Marcelo Paixão, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a pesquisa mostra que a população pobre do estado — 29,8% de 14,1 milhões — tem 59,3% de negros, 40,3% de brancos e 0,3% de pessoas que se declaram indígenas.

Fechando mais os números, 39,7% dos negros, que representam 44,5% da população, estão abaixo da linha de pobreza em relação aos brancos (21,7%). Indígenas na penúria são 33,1%.

O trabalho está disponível no Fichário Municipal das Desigual-

dades Sociais, no site do Observatório Afro-brasileiro ([www.observatorioafrobrasileiro.org](http://www.observatorioafrobrasileiro.org)), lançado semana passada — tudo iniciativa do Instituto Palmares de Direitos Humanos, organização não-governamental para a promoção da população afro-brasileira e combate ao racismo. O estudo vai abranger todos os estados. Esta semana, serão inseridas informações sobre o Estado de São Paulo, onde o quadro se assemelha ao do Rio.

#### Municípios metropolitanos têm quadro mais crítico

A pesquisa mostra a distribuição dos pobres e indigentes por município, diferentemente de levantamentos, como a PME (Pesquisa Mensal de Empregos) e Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), que se concentram em análises por estado e regiões metropolitanas. Nos municípios da Região Metropolitana do Rio, que englo-

ba localidades como Nova Iguaçu, Belford Roxo e São Gonçalo, há forte incidência de negros. Eles são 60,4% do total de pobres. Na penúria, ou seja, abaixo da linha da pobreza, estão 42,3% dos negros, com rendimento mensal médio abaixo dos R\$ 135,02, em valores de agosto de 2000, segundo uma das metodologias de cálculo do Ipea. Entre os brancos, 23,5% são necessitados. E indígenas têm 35,1% nessa condição. O Município do Rio tem 831.873 negros passando fome, 33,23% na composição racial. Negros indigentes são 209.763 — 32,8% dos representantes da raça.

“As eleições municipais vêm aí. Os projetos, inclusive os nacionais, deveriam considerar esses critérios. Os investimentos vão para áreas distantes e a Região Metropolitana está abandonada. O Fome Zero, por exemplo, deveria começar por ela”, opina

Marcelo Paixão.

Os fatores que geram tais distorções são velhos conhecidos. Resultado de uma sociedade em que, logo após a abolição, ex-escravos foram proibidos até de ter a posse de um pedaço de terra, afro-descendentes sempre tiveram dificuldade de acesso à educação e, com isso, ao poder econômico.

Outra razão é que a Região Metropolitana do Rio, bem como de São Paulo, sempre recebeu grande leva de migrantes vindos de estados de população negra, como Bahia, Maranhão e interior de Minas Gerais, movimento seguido por pessoas de cidades do interior do estado. Há necessidade emergencial de investimentos nos municípios que recebem esses migrantes e de políticas que retenham as pessoas nas cidades onde nasceram.

Na página 2, fluminenses lutam para escapar à penúria

#### NEGRAS SENTEM MAIS AS DIFERENÇAS

Dentro do quadro que evidencia a desigualdade racial, mulheres sofrem ainda mais com a falta de políticas de inclusão. Segundo os dados estudados pelo economista Marcelo Paixão, da UFRJ, em todos os municípios do estado, negras recebem os menores rendimentos mensais médios. Elas têm menos poder econômico em relação a todos os grupos analisados.

Na Região Metropolitana, onde há forte concentração de negros pobres, homens negros recebem, em média, 50% a mais do que mulheres negras. O rendimento médio de brancas é 105% superior aos valores médios pagos às negras. Homens brancos recebem salários médios 323% mais altos do que mulheres negras em suas principais atividades.

Muitas delas, aliás, são chefes de família, porque foram abandonadas por seus maridos, são viúvas ou mães solteiras — quadro crescente no universo de mulheres, segundo diagnóstico já divulgado e feito a partir das informações colhidas pelo Censo 2000. Algumas são obrigadas a entrar no mercado já com idade avançada, devido à deterioração da renda familiar.

No estado, a disparidade não difere muito do quadro nos municípios metropolitanos. Homens negros recebem 51% a mais do que mulheres negras. A faixa salarial média das brancas está 89,7% acima do patamar pago às negras em seu principal trabalho. Já a diferença entre os vencimentos de homens brancos e mulheres negras é de quase 300% a mais para eles.

CONTINUAÇÃO DA CAPA

# Batalha contra a fome

MORADORES DA PERIFERIA DO RIO, A MAIORIA NEGROS, FAZEM DO LIXO SUA FONTE DE RENDA

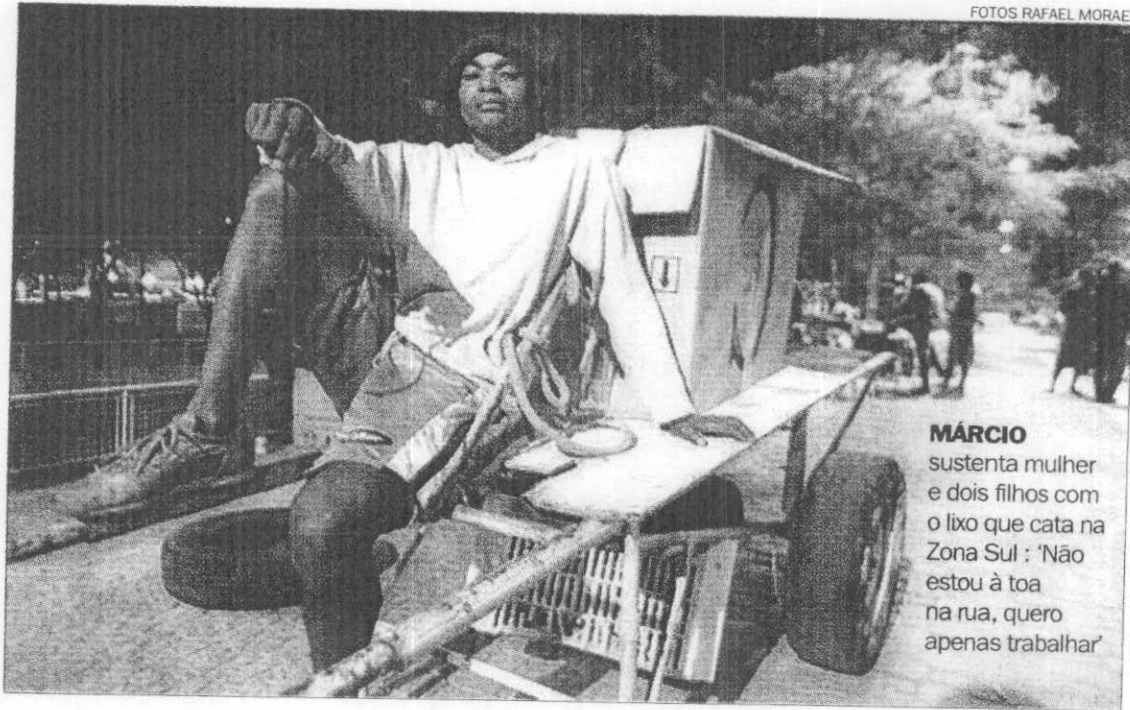
Um grupo de pessoas com origem em diversos municípios do Rio, a maioria da Baixada Fluminense, ilustra bem o quadro de composição racial da pobreza exposto no Observatório Afro-brasileiro do Instituto Palmares. Amparadas por voluntários – os Corações Fraternos –, 70 pessoas, a maioria negras, escapam da pobreza catando o rico lixo da Zona Sul. O sonho deles é conseguir permissão e apoio da prefeitura para formar uma associação, que poderia ser instalada às margens do canal do Jardim de Alah, onde toda noite separam o material recolhido. “Dormimos aqui, porque não dá para voltar todo dia para casa, mas somos trabalhadores”, falam, em coro.

Márcio Rodrigues da Silva, 23 anos, sustenta mulher e dois filhos, de cinco e dois anos, com o que recebe da venda do material que encontra nas ruas. Ele teve trabalho com carteira assinada por cinco anos, no setor metalúrgico, e foi demitido há dois anos. Márcio dorme praticamente a semana toda na rua. “Não podia esperar o emprego cair do céu. Eu tinha que amumar algo rápido para fazer”, diz.

Aldair Alves Lopes, 52, trabalhou 10 anos como trocador de ônibus, 10 como jardineiro e está há 20 recolhendo lixo nas ruas, sem nenhum direito trabalhista. “No ano passado, houve

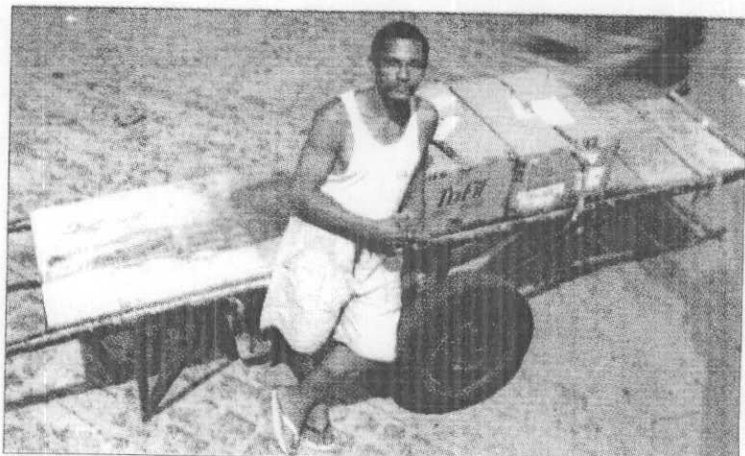
um mês em que fiquei doente. Foi um desespero. Tirei R\$ 80”, conta Aldair, acrescentando que não perdeu a esperança em conseguir um emprego com carteira assinada. Outro dia, ele tentou uma vaga de faxineiro em um edifício do Leblon, mas foi recusado devido à idade.

O objetivo do grupo Corações Fraternos é legalizar a situação trabalhista dos catadores, para que contribuam como autônomos. “Só estamos esperando a greve do INSS acabar”, explica um dos voluntários.



FOTOS RAFAEL MORAES

**MÁRCIO** sustenta mulher e dois filhos com o lixo que cata na Zona Sul: ‘Não estou à toa na rua, quero apenas trabalhar’

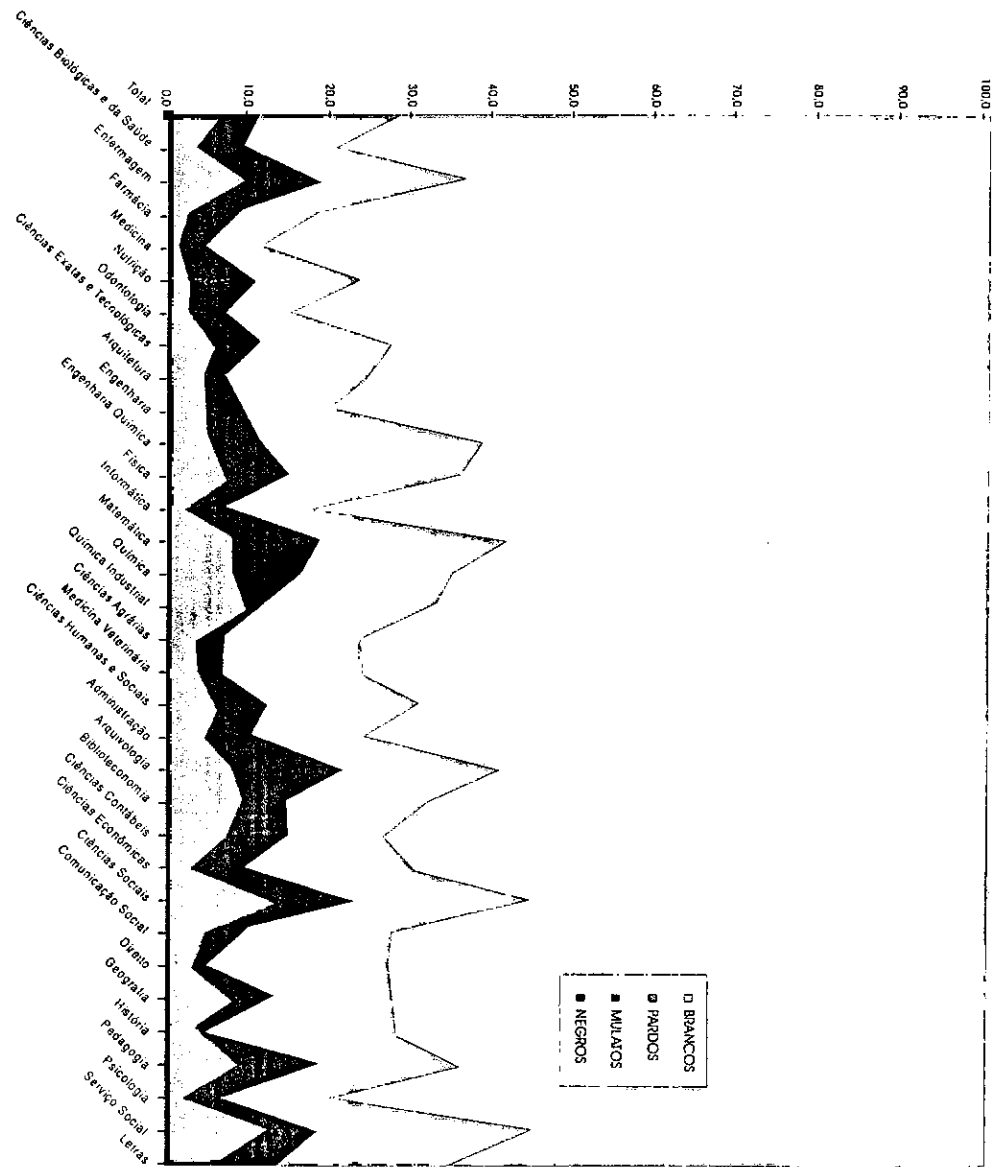


**ALDAIR** vive do que tira das ruas há 20 anos, mas sonha com o emprego

**ALUNOS POR CURSO SEGUNDO A COR**  
(em %)

CURSO	NEGROS	MULATOS	PARDOS	BRANCOS
<b>% Total</b>	<b>5,4</b>	<b>5,9</b>	<b>16,5</b>	<b>72,8</b>
<b>Ciências Biológicas e da Saúde</b>	<b>3,6</b>	<b>5,7</b>	<b>10,9</b>	<b>79,8</b>
Enfermagem	9,5	9,2	17,3	64,1
Farmácia	2,2	6,1	9,8	81,8
Medicina	1,5	2,5	7,5	88,5
Nutrição	2,7	8,0	12,2	77,1
Odontologia	2,5	3,8	8,1	85,6
<b>Ciências Exatas e Tecnológicas</b>	<b>5,4</b>	<b>5,5</b>	<b>15,9</b>	<b>72,2</b>
Arquitetura	3,9	2,9	17,6	75,6
Engenharia	4,5	4,8	10,0	80,7
Engenharia Química	5,0	6,2	26,6	62,2
Física	7,0	7,6	21,0	64,3
Informática	2,2	4,4	10,1	83,3
Matemática	8,1	10,4	22,3	59,2
Química	7,6	8,3	19,3	64,8
Química Industrial	10,4	1,3	20,8	67,5
Ciências Agrárias	3,6	3,1	16,9	76,4
Medicina Veterinária	3,6	3,1	16,9	76,4
<b>Ciências Humanas e Sociais</b>	<b>6,0</b>	<b>6,0</b>	<b>18,3</b>	<b>69,7</b>
Administração	4,7	5,2	13,7	76,5
Arquivologia	8,3	13,3	18,9	59,4
Biblioteconomia	9,1	5,5	17,7	67,7
Ciências Contábeis	7,0	7,5	11,9	73,5
Ciências Econômicas	2,4	6,5	20,7	70,4
Ciências Sociais	13,4	8,6	21,9	56,1
Comunicação Social	3,9	5,1	18,4	72,6
Direito	2,6	2,1	22,0	73,4
Geografia	8,1	4,6	14,8	72,5
História	3,4	1,4	23,1	72,2
Pedagogia	8,2	9,9	17,4	64,4
Psicologia	1,9	4,4	13,1	80,6
Serviço Social	13,4	4,6	26,8	55,2
<b>Letras</b>	<b>5,3</b>	<b>8,1</b>	<b>20,9</b>	<b>65,7</b>

**ALUNOS POR CURSO SEGUNDO A COR**  
(em %)





UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA  
DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : JANAÍNA DO NASCIMENTO MARCELINO

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE NEGROS NA UNIVERSIDADE

ORIENTADOR : ANGELA MARIA SOUZA MARTINS

**FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL**

Primeiro avaliador :

Professor convidado: DIOGENES PINHEIRO

Nota : 10,0 (DEZ)

Considerações:

TRABALHO IMPORTANTE DO PONTO DE VISTA DA RELEVÂNCIA E NOVIDADE DO TEMA. A AUTORA CONSEGUE ALCANÇAR EXCELENTEZ RESULTADOS AO COMBINAR SUA TRAJETÓRIA PESSOAL COM UMA REFLEXÃO SOBRE O CONTEXTO MAIS GERAL DA EXCLUSÃO SOCIAL DOS NEGROS NO BRASIL.

*Diogenes Pinheiro*  
5

Segundo avaliador :

Professor orientador : Angela M<sup>o</sup> Martins

Nota: 10,0 (DEZ)

Considerações:

A aluna empreendeu um enorme esforço para sistematizar a sua monografia. Tem como núcleo prático de sua história de vida para fazer uma reflexão sobre a inclusão e permanência de negros na universidade brasileira. Trabalho de modo disciplinado, atendendo as exigências da orientação. Seu objeto de estudo é de grande relevância e atualidade. Por isso, atribuo à aluna nota 10,0 (dez). AMM.

Terceiro avaliador :

Professor da disciplina Monografia II: Ligia Martha Coelho

Nota : 10,0 (dez)

Considerações:

Atendeu aos requisitos formais de um trabalho científico.

~~\_\_\_\_\_~~  
~~\_\_\_\_\_~~  
~~\_\_\_\_\_~~  
~~\_\_\_\_\_~~  
~~\_\_\_\_\_~~  
~~\_\_\_\_\_~~

**RESULTADO FINAL**

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
10,0	10,0	10,0	30,0	10,0
<i>LM</i>	<i>LM</i>			

Rio de Janeiro, *L. Coelho*